



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## **QUANDO A VIOLENCIA É A SENHA: A CRIANÇA SURRADA E SUA DIFICULDADE DE LEITURA**

Ana Claudia Exaltação Torres

*Projeto Aconchego, ioganhatorres@gmail.com*

**Resumo:** O artigo é resultado de um trabalho desenvolvido numa pequena comunidade de população negra em Salvador, ao qual foi dado o nome de projeto Aconchego, bem como de minhas inquietações sobre o tema da violência familiar contra crianças e as sequelas que isso acarreta na vida dessa criança, enquanto criança e depois de adulto e principalmente a dificuldade dessa criança em fazer uma leitura oral em sala de aula, o avexamento é estampado em seus movimentos. O projeto Aconchego nasceu no ano de 2006 na comunidade Alto da Sereia, no Rio Vermelho, Salvador, com a intenção de acolher, em casa, crianças da comunidade oferecendo-lhes afeto e atenção em formato de massagem e brincadeiras. Inicialmente o projeto se chamou Casa de Ana, referencia dada pelas crianças que frequentavam a casa. Em 2008, na tentativa de se estruturar como projeto e estender o atendimento a outras crianças da própria comunidade bem como do seu entorno, passou a se chamar Projeto Aconchego, espaço de observação do comportamento humano através do cuidado com as crianças.

**Palavras-chaves:** criança surrada, violência domiciliar, dificuldade de aprendizagem, educação infantil

### **Introdução**

#### **A Senha é um código de acesso**

#### **Violência é o quê?**

Desde criança me incomoda a violência contra as crianças. Filha de mãe baiana, criança surrada. Nunca compreendi as porradas sofridas e ainda pior as porradas sofridas por meus irmãos. Já levei surra com banho de sal grosso, fui amarrada ao pé da mesa para não sair de casa e também já aguentei coisas piores ainda, para aprender a ter vergonha e não fazer

ousadia. Embora nem mesmo soubesse do que se tratava essa palavra. Não fui a única, meus irmãos por vezes sofreram reprimendas muito piores. Esse tipo de criação é terrível, mas sei que não se restringe apenas à minha família. E desde criança tento uma forma de amenizar a dor das porradas e as angustiantes sequelas advindas das mesmas.

Inicialmente essa busca se limitava a meus irmãos. Mas tarde, já na adolescência comecei a ver que outras crianças sofriam os mesmos danos. Depois da faculdade,



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

comecei a viajar e então tive contato com pessoas que também estavam nessa mesma busca e ao morar em periferias, favelas e bairros populares, acolhiam crianças em suas casas oferecendo-lhes carinho em forma de atividade artística. Decidi que era esse meu caminho e quando voltasse a Salvador era isso que iria fazer. Quando fui morar no alto da sereia, os caminhos se abriram, as crianças chegaram em casa sem precisar mesmo ser chamadas. Elas foram que me acolheram em sua comunidade e em troca eu os acolhi em minha casa. Nascia assim o Projeto Aconchego.

### **O que é o Aconchego**

Espaço de observação do comportamento humano através do cuidado com as crianças.

Com o olhar voltado para a criança podemos ajudá-la a se expressar em suas necessidades básicas, dando-lhes assim autonomia e autoconfiança.

É nosso objetivo buscar dar uma base emocional ao adulto a partir do cuidado com a criança.

Com base na filosofia do Yoga busca-se encontrar o silêncio mesmo em meio ao barulho.

Prepara a pessoa para ter condições de administrar seu ser interno, suas vozes, seus traumas com amor e afeto. Buscando, assim, construir um futuro mais humanizado para a sociedade com menos medo e menos violência.

Cuidando da criança espera-se levar este cuidado para toda a família, em especial para as mães.

Um outro objetivo do projeto é cuidar da mãe e cuidar da criança na presença da mãe. Pois verifico, diante de minha experiência com a massagem, que uma pessoa que observa a outra recebendo o cuidado massoterapêutico, desperta nela também o desejo, a vontade de cuidar e também ser cuidada.

Dessa forma acredito poder aproximar mães e filhos carinhosamente na troca de massagens, cuidando da mãe na presença dos filhos e dos filhos na presença das mães.

Não estou aqui denunciando meus progenitores. Muito pelo contrário. Estou aqui descrevendo o quadro de criação de muitas famílias baianas de baixa renda, na busca de formar bons cidadãos, pessoas respeitáveis e tementes a deus, ao padre (ou pastor) e ao patrão.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O que pretendo com meu trabalho minhas inquietações é tentar compreender de onde nascem as porradas que recebemos na infância

A violência é a senha quando ela vem de berço, quando nos é negado o peito, a mama. Quando levamos tapa na cara, quando nos puxam pelos cabelos, quando somos chamados e quando chamamos nossos filhos de imbecis, quando lhes limitamos os movimentos.

Foi objetivo deste trabalho, pensar a educação, pensando a criança como um todo. Uma pessoa que tem problemas sócias tanto quanto os adultos e estes problemas a atingem diretamente em seu aprendizado, mas se tiver uma base, extra-familiar e extra-escolar, ela poderá se desenvolver com melhor desempenho tanto na escola quanto a vida.

Qual criança negra, baiana, principalmente de classes menos abastadas, nunca escutou de mãe ou pai, após ser surrada a fatídica expressão: engula o choro.

Engula o choro! Que isso significa? Engula a dor? Aceite a porrada? Cale a boca? E por quantas vezes mais vamos ser calados? Amordaçados e espancados? Como uma criança que apanha e engole o choro vai ter

coragem, força e voz de ler um livro perante seu professor? Perante toda uma turma? Essas crianças que aprenderam também a violência de criticar os que não sabem, embora também não saiba o que critica?

O choro engulido não deixa a voz sair para fora, fica presa no peito.

Situada no Bairro do Rio Vermelho, bairro histórico e boêmio de Salvador, a comunidade do Alto da Sereia, exibe de um lado a beleza do oceano atlântico e do outro o belo verde do Morro Alto de Ondina, onde ficam situados o zoológico e a casa do Governador. Mas embora o bairro esteja cercado por belas paisagens, internamente, o que se vê nem sempre é tão belo. E todos os dias, verificam-se na comunidade, crianças, jovens e adultos perdidos pelas ruas à procura do que fazer. Desde julho de 2006, um pequeno trabalho de acolhimento, aplicação de massagem, orientação e brincadeiras, entre outras atividades, vem sendo desenvolvido com crianças da comunidade. Embora o trabalho seja realizado em pequena escala, por se tratar de uma pequena residência, este já apresenta mudanças significativas. Crianças que antes não sabiam olhar nos olhos, abraçar, falar espontaneamente,



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

apresentam agora visível mudança no comportamento. Outras que tinham vergonha de desenhar, pelo medo de expor-se a críticas começam a produzir belas pinturas, que constantemente são expostas pelas paredes da casa. Outras ainda tinham o corpo encolhido e não se permitiam relaxar para receber massagem, agora deitam na bola, fecham os olhos e vivenciam belas experiências, que são relatadas durante as demais atividades. Além destas mudanças palpáveis, outras já se apresentam. As mães das crianças e a comunidade já reconhecem a importância do trabalho desenvolvido elogiando e incentivando o trabalho.

No entanto, a falta de incentivo na educação, a falta de atenção adequada e os problemas de relacionamento familiar verificados no Alto da Sereia, têm dificultado o aprendizado e a integração social de seus indivíduos, contrastando com as belezas do mar e do morro.

Meus objetivos são:

Educar contra a violência doméstica e promover cidadania através da aplicação e ensino da massagem

Incentivar o respeito à criança fortalecendo o vínculo afetivo entre mães e filhos;

Tratar a emoção do corpo através de atividades físicas e massagem;

Acolher as crianças colaborando com a educação fora da sala de aula;

Incentivar a criatividade infantil estimulando a criação espontânea;

Formar agentes multiplicadores.

### **A construção do método ou metodologia**

Para uma criança, todo adulto é importante. Quando um novo adulto chega num ambiente de reunião de crianças, como escolas e comunidades, elas logo querem saber tudo sobre sua vida, até se tornarem íntimos amigos.

Nossa história começou da seguinte maneira: eu, Ana Torres, coordenadora e massoterapeuta/educadora do projeto, gosto de ter crianças ao meu lado. Após terminar a faculdade e viajando por diversas comunidades alternativas do Brasil e da Bolívia, tive contato com pessoas que em suas casas recebiam crianças do local e ali desenvolviam atividades de contação de histórias, de desenhos e outros, a depender das atividades de cada um. Ao ver esta cena se repetir, nasceu em mim também a vontade de ter uma casa em que nela pudessem chegar toda criança que quisesse. Ao



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

retornar a Salvador, procurava uma atividade para ter dinheiro mas que me deixasse tempo também para bordar e contar histórias livremente.

Quando fui morar no Alto da Sereia em julho de 2006, junto com a amiga, companheira e também massoterapeuta Aditi Camargo (Néia) vimos que seria um bom lugar para pôr em prática o que já desejávamos há alguns anos. Já atuando como massoterapeuta e fazendo formação para professora de Yoga, não queria mas tão somente contar história para crianças, mais também ensinar-lhes o que eu já sabia e o que estava aprendendo. E assim se deu. Um dia, uma criança, filho de uma amiga, Pedro, veio visitar-nos e conheceu o bolão de massagem. Encantado, no dia seguinte voltou, acompanhado de dois amigos, um menino, Ronaldinho e uma menina Karine. Pedro foi morar em Jauá, os outros dois permaneceram e se tornaram membros assíduos e fortes colaboradores do projeto que já começava a despontar.

A notícia da massagem rapidamente se espalhou, a novidade atraiu as crianças, que foram chegando e se achegando cada vez mais. Assim como Pedro veio trazendo Karine e Ronaldo, estes últimos trouxeram outros, que trouxeram mais outros e outros.

Eles chegaram em levas, trazendo irmãos, primos, tios, tias, amigos, sobrinhos, conhecidos, visitantes e quem mais aparecesse. Quem aparecer ainda hoje, eles trazem também. Eles querem que todos conheçam as maravilhas de estar flutuando na massagem em cima de um bolão de 85 cm e torcendo o corpo em posturas de Yoga, o que se tornou o diferencial deles, e se orgulham do que fazem.

As buscas pela massagem se tornou uma constante, e a todo instante havia crianças gritando na porta, pedindo para receber uma “massaginha” ou um “pouquinho de massagem”, como costumam chamar. Os chamados das crianças eram muitos, suas necessidades de carinho e atenção extra-familiar e escolar eram demasiadas para serem tratadas ao “Deus dará”. Então após quase dois anos de trabalho, compreendi que eu não podia mais abandoná-las, nem tampouco manter a estrutura existente. Então em junho de 2008, com a ajuda da amiga Tânia Mello, nasceu a primeira versão escrita do projeto Aconchego sob o nome de Casa de Ana, referencial das crianças e da comunidade. O projeto foi enviado para o Edital da Bahiagás desse ano, mas não chegou a ser financiado. Continuamos do mesmo jeito.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Em janeiro de 2009, o Casa de Ana recebeu o nome de Projeto Aconchego, foi reescrito e enviado para o Edital de Cultura e Direitos humanos da FUNCEB. Porém, mais uma vez, não recebeu financiamento. a justificativa da recusa era que se tratava de saúde e não de arte. No entanto, nesse mesmo mês, o Aconchego ganhou da empresa GDK a garantia do pagamento do aluguel da casa. R\$ 300,00. Pouco, no entanto, para quem nada tinha foi uma grande vitória. Continuamos mais confiantes. Nasceu o desejo de atuarmos em outros lugares

A proposta do trabalho desenvolvido na comunidade do Alto da Sereia foi enviada para o Centro Cultural Chic Chic, na Chapada Diamantina. O Centro gostou da proposta e contratou o serviço. Então em fevereiro de 2009, tirando férias do trabalho na comunidade daqui, o Aconchego foi atuar em Igatú. O trabalho lá, por ter a parceria de um Centro já estruturado e ter financiamento para dedicar-se exclusivamente a ele, foi um sucesso. E o aconchego pode ser desenvolvido conforme é seu maior objetivo, com crianças, mães, educadores e idosos.

Com o sucesso da experiência do trabalho em Igatú e com a garantia do aluguel da casa, O Aconchego se estruturou melhor no Alto da Sereia. Em Março de 2009 abriram-se inscrições para quem queria continuar participando das massagens e pensando em envolver mais seriamente as mães, foi exigido a presença das mesmas para fazer a matrícula. Num período de quinze dias, o Aconchego fez a inscrição de 48 crianças, na faixa etária de 03 a 15 anos de idade, formando daí quatro turmas de 12 a 13 crianças em cada, superando as expectativas que eram de 08 a 10 crianças por turma. Os encontros começaram a ser semanais, com horário fixo e com lanche diário.

As atividades também tiveram que ser melhor estruturadas e ao longo dos nove meses seguintes de trabalho constante, pesquisa, observação, escuta e experimentação, definimos as atividades do Aconchego seguinte maneira. Trabalho de fala, com rodas de bate papo, contação de casos e histórias. Trabalho de escuta, com respiração, rodas de leitura e debates. Trabalho de expressão visual e artística, com desenhos, jogos e confecção de pequenos objetos. Trabalho de expressão corporal, com a prática de Yoga. Trabalho



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

de expressão emocional com trocas de abraços, aplicação de massagem e respiração. Trabalho do silêncio, com respiração e relaxamento.

Dentro destes nove meses o Aconchego também gerou outras coisas além da estruturação de turmas e atividades. Pelo projeto passaram alguns voluntários, Thalita Andrade estagiária em Comunicação pela UFBA, Suzana (não recordo seu sobrenome) estagiária em artes pela Universidade da Alemanha, Ane mãe de Gabriela. E tantos outros colaboradores que além de ajudar nas atividades, trouxeram esperança e colaborações na estruturação do projeto. Ganhamos diversos amigos, que embora não possam ajudar muito, tampouco deixam o trabalho acabar. Ganhamos o reconhecimento e apoio das crianças, dos pais e da comunidade em si. As crianças Aconchego começaram a ser levadas para aulas de Yoga particular e para sessões de cinema infantil. Alguns idosos já começaram a ser atendidos com massagem em suas casas. E agora com a ajuda também de amigos, o Aconchego começou a realizar aulas de Yoga e troca de massagem na rua com o objetivo de expandir cada vez mais, e obter mais visibilidade.

Ao trabalhar com as crianças, após as massagens e aulas de Yoga, verifiquei que em sua maioria, os pequenos tinham grande dificuldade com a leitura em sala de aula, pela vergonha de expor-se diante dos colegas e da professora. No entanto, trabalhando com eles, pude perceber, que eles ficavam muito mais maleáveis e confiantes após uma sessão de massagem ou uma boa aula de Yoga e respiração. Aproveitando a deixa, comecei a trabalhar a contação de histórias nestes momentos, e deu certo. Inicialmente, eu contava uma história e pedia para quem se sentisse a vontade contar uma outra, de repente todos tinham histórias para contar. Como moramos num morro de população afrodescendente, de descendência quilombola, comecei a introduzir o assunto em nossas histórias. Eles não sabiam o que era quilombo e em sua maioria tinham vergonha de se assumir como negros, embora a cor da sua pele não pudesse esconder a descendência. Então comecei a pedir que eles trouxessem para as atividades, histórias contadas por seus avós e começamos a fazer comparação dessas histórias com histórias dos orixás e a semelhança foi gritante, começou-se a divulgar pelo morro que nós somos



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

quilombolas e fomos descobrindo diversas histórias da escravidão vivenciadas pelos avós, bisavós e tataravós daqueles pequenos. Hoje a experiência ainda carece de aprofundamento por falta de verba para aumentar o tempo de trabalho que ainda está em seu começo. Mas a leitura e o interesse pelos livros cresceu muito, em nossas atividades. E embora eu ainda não tenha a confirmação dos professores formais destas crianças, sinto que seu interesse em sala de aula também vem melhorando, pois o índice de reprovação entre os que frequentam o projeto vem diminuindo a cada ano que passamos juntos.

Atividades de desenho, contação de histórias, relatos de acontecimentos diários, massagem individual no bolão, massagem em grupo na troca de massagem, aulas de Yoga, construção de pequenos objetos, momento de tocar instrumentos e sessão de filmes.

Temos alguns momentos específicos: ao chegarem, as crianças ficam livres utilizando materiais lúdicos e conversando espontaneamente, após alguns minutos nos sentamos em círculo e cada um tem dois minutos para contar alguma curiosidade (fofoca) se tiver. Após a curiosidade eu

lhes explico qual será a atividade do dia. Quando tem massagem no bolão, a outra atividade é desenhar ou armar quebra-cabeça, para que eu possa aplicar a massagem e ao mesmo tempo administrar a turma. Quando tem massagem em grupo, em seguida fazemos construção de história ou recorte. Quando tem aula de Yoga é apenas a aula e no final relaxamento. Quando tem leitura, a metade da aula é leitura e incentivo, a outra metade é construção de história e desenho quando possível. No final é servido um lanche e terminamos com um *Namastê* e um forte abraço.

Os desenhos e histórias escritas são guardadas, no final de um período ou no mês de outubro realizamos nossa exposição, um olhar tranquilo com o resultado dos trabalhos em sala de aula. Outro resultado são as aulas na rua, quando uma turma está bem envolvida, participando sempre e com um desenvolvimento interessado, então esta turma recebe uma aula de Yoga na rua ou na praia e podem ajudar na orientação com os que estão chegando, ou não estão frequentando com assiduidade.

Eu crio o trabalho observando o desenvolvimento de cada atividade e o



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

comportamento das crianças. As vezes eu me dedico a ajudá-las a melhorar na escola, então o trabalho é basicamente de atenção, escuta, massagem e meditação. E os planejo e acompanho, observando o interesse em cada atividade. Tem tempo em que eles só querem assistir, então procuro filmes que possamos travar um debate depois. Em outros momentos querem apenas fazer Yoga, então priorizamos a prática. Outras vezes querem mais massagem e exigem que eu me dedique à aplicação de massagens. E assim vamos fazendo nossas trocas e despertando a confiança entre os membros e deles para comigo.

Espera-se fortalecer a auto-estima das mulheres e das crianças desta comunidade, diminuir o índice de espancamento infantil, bem como a impessoalidade na criação e fortalecer o vínculo afetivo entre mãe e filho.

Espera-se também que as crianças e seus pais, passem a acreditar em seu potencial criativo, mostrando para a sociedade os talentos verificados nesta comunidade.

Estimular as pessoas nos estudos e pela sustentabilidade

Pretende-se que desta forma, melhore o bem-estar familiar e que as crianças, em

decorrência disto, melhorem também seu aproveitamento escolar.

Constitui público-alvo direto deste projeto, todos os membros da comunidade do Alto da Sereia, em especial as famílias de baixa renda, as crianças a partir de três anos e pré adolescentes até 15 anos, bem como as mães destas crianças e adolescentes beneficiados.

### **Buscando um diálogo: resultados e discussões**

“As crianças assimilam muito precocemente o modo como os pais se relacionam um com o outro e com o mundo. Quando os pais foram traumatizados, têm dificuldade para ensinar a seus filhos o senso básico de confiança. Sem ter esse recurso, as crianças ficam mais vulneráveis ao trauma. A solução para quebrar o ciclo do trauma é envolver bebês e mães numa experiência que gere confiança e vínculo antes de a criança ter sido completamente afetada pela desconfiança que os pais têm de si mesmos e dos outros.” (LEVINE, 1999 p196-167).

Os pais que batem, geralmente, não têm recordações de não bater. (quando falo de



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

bater não estou falando do simples tapinha ou puxão de orelhas, estou falando da violência mutiladora, estou falando de tortura e vexação). Esse tipo de violência que traumatiza e destrói até a alma.

O filósofo e terapeuta Peter Levine, estudioso sobre o trauma, em seu livro *Curando o Trauma*, afirma que não há palavras que possa descrever a angústia que uma pessoa traumatizada sente.

O autor afirma ainda que uma sociedade onde os pais espancam as crianças, apresenta muito maior índice de violência, guerras e estupro do que uma sociedade que tem uma relação mais cordial com seus filhos.

A criança que é espancada perde sua autoestima. Espancar inibe, retrai, castra, destrói a auto-confiança, humilha. A criança aprende a ser humilhada, faz xixi nas calças de puro medo e é ainda mais punida por isso. A ela, geralmente não é permitido questionar, sugerir, tornando-se tímida, retraída e desestimulada.

Em suas pesquisas, Levine chega a conclusão que as raízes do trauma ficam ancoradas em nossas reações instintivas, agindo em nome daquele que sofreu o trauma. Mas o autor também afirma que se quisermos mudar isso, é através dos

cuidados com o nosso corpo que poderemos superar o trauma.

Esse tipo de violência contra o próprio filho, contra a criança, foi certamente um sistema implantado pela escravidão.

França, poeta negro pernambucano afirma em poesia, o que já lemos na história, que para justificar a escravatura, nos foi imposto que negro não tem alma, agora precisamos resgatar as nossas almas. Quando uma criança é brutalmente surrada, violentada, humilhada, esta fica a cada dia mais afastada de sua alma, de sua essência.

E no lugar de defender-se o negro sem alma e sem essência, continua a se mutilar, mutilando seus filhos, negando sua cor, negando seu cabelo, negando sua família.

Poeta negro, consciente e defensor da conscientização do povo negro, França, afirma que ao se especializarem, os negros, geralmente perdem o referencial, não conversam nem mais com os de casa.

Não é negando nossa cor que permaneceremos vivos. Pode até a carne ficar viva, mas a alma estará morta. Precisamos respeitar e fazer respeitada a nossa diferença. Para isso é preciso se amar, E só vamos nos amar no dia que nos



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

tornarmos negros com consciência de negritude, com consciência de sermos negros. Não basta ter a pele de cor escura, é preciso ter a alma enraizada.

Paulo Freire (1989) ao falar da sua leitura de infância, afirma que, o ato de ler se inicia pela leitura do mundo, para em seguida vir a leitura da palavra escrita.

Sendo constantemente desrespeitadas e vendo seus pais serem, como pode esperar que estas crianças venham a tornar-se adultos potencialmente criativos e preparados para o mercado de trabalho? No entanto, falta informação a esse nível nesta e, noutras comunidades carentes de Salvador, o que tem colaborado para a insatisfação geral entre os jovens e a propagação da violência.

Para a dançarina e pesquisadora Maria Fux, não basta apenas dar uma formação técnica as crianças, é preciso ter calor, ter carinho, ter dança e movimento. E afirma: “[...] o conhecimento ou a formação estética da criança atual [...] não pode dar-lhes um caminho de criação, somente um tecnicismo cheio de dificuldades físicas que restringem e danam seu mundo mental, emocional e físico.” (FUX, 1983, p. 29).

Peter McLaren (1997) sugere a necessidade de se assumir a questão da diferença em sala de aula e “criar uma política de construção de alianças, de sonhos compartilhados, de solidariedade que avance para além de posturas condescendentes (como, por exemplo, ‘a semana das raças’, que na verdade servem para manter as formas de racismo institucionalizado intactas” (p. 95).

Parafraseando com o autor posso sugerir que é preciso buscar uma forma de intervenção familiar diferenciada. Mostrar para nossas famílias que o amor, a paciência, o carinho e atenção forma muito mais do que as porradas. E é com compreensão e valorização de nossos filhos negros, nossas famílias negras, nossa descendência negra, que vamos tirar nossos filhos da marginalidade e da prostituição.

“A PALAVRA MATA, A PALAVRA MESMO MORTA MATA.” (Poeta França)

### Concluindo

A meu ver a porrada é o caminho mais fácil, mas nem sempre o caminho mais fácil leva ao sucesso.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

Muitos dos nossos pais e avós foram brutalmente separados dos seus familiares. De suas mães e pais, ainda bebês e criados como bichos, como estorvos, nas casas onde eram levados, já nascidos escravos. Muitos não tem memórias de mãe e pai; Precisamos despertar a memória de família, da necessidade de carinho materno, da necessidade de acolhimento paterno. A necessidade de formarmos líderes e não apenas operários.

Minha mãe, mulher traficada, trazida para a casa dos patrões com apenas 12 anos de idade, arrancada do seio materno, distanciada dos irmãos e de toda família (como fala muito bem Elisa Lucinda) certamente estuprada pelos patrões.

A raiva fica, e como a coragem de enfrentar o branco foi pensadamente tolhida, a violência explode contra si própria, contra seus filhos menores. Rosa Parks enfrentou os brancos, levou sua porrada na rua, será que ela foi uma criança espancada por seus pais? Acredito que não. Criança espancada, não enfrenta nada.

As palavras precisam fazer sentido. Valentinotti, no conto *Las palabras del príncipe*, também defende essa esse pensamento. Segundo a autora, os

tibetanos acreditam que existe um determinado número de respirações para cada pessoa, e quando essas se esgotam, esgota a vida. O mesmo, a seu ver, pode acontecer com as palavras. Quando essas são desperdiçadas, mal utilizadas e se esgotam antes do tempo, antes de se ter aprendido as coisas, também a vida se esgota muito cedo, a energia se esgota, a força vital se esgota e morre a criança.

No conto um pequeno príncipe está morrendo, de uma doença desconhecida. Um velho sábio chega para visitá-lo e afirma para o rei, seu pai, que seu filho está morrendo porque se esgotaram suas palavras. E, então, o sábio saiu com o rei a procura da cura para a criança. Foram pedir ao vento, a terra, a água e ao fogo que restituísse as palavras ao príncipe, e eles as restituíram, não todas, mas as melhores, as maiores, as mais fortes, as mais sábias.

Acredito também que são os elementos da natureza que podem nos restituir as palavras que estão sendo apagadas da nossa memória, das nossas ações e é na busca do contato com as raízes dos nossos



ancestrais dos nossos antepassados, que poderemos voltar a encontrá-las.

## Referências Bibliográficas:

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. 4ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

FRANÇA, Valdemilton Alfredo de, . Poema inflamado. In DVD

LELOUP, Jean-Yves. **Cuidar do ser**: Filon e os terapeutas de Alexandria. Petrópolis: Vozes, 1998. 4 ed. 150p

LEVINE, Peter A. **O despertar do Tigre**: curando o trauma. São Paulo: Summus, 1999. 2 ed. 240p

LOWEN, Alexander. O corpo em terapia: a abordagem bioenergética. São Paulo: Summus. 1977. 339p (Coleção Novas buscas em Psicoterapia, vol. 4)

IMBASSAÍ, Maria Helena. Sensibilidade no cotidiano: conscientização corporal. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2006, 172p. (Prefácio de Angel Vianna)

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. Coleção Política do nosso tempo, 4ª, 23ª Ed. São Paulo: Autores associados, Cortez, 1989.

FUX, Maria. Dança, experiência de vida. São Paulo: Summus, 1983, 139p (Novas buscas em educação; v15)

KUPER, Adam. **Alguns problemas em torno da construção de uma nova imagem da Negritude**. Cadernos do

CEAS (Salvador), Salvador, v. 128, n.128, p. 20-40, 1990.

MCLAREN, Peter. A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MONTAGU, Ashley. **Tocar**: o significado humano da pele. São Paulo: Summus. 1988, 3ed. 427p (Coleção Psicologia Transpessoal)

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008.

MORIN, Edgar, (1984). **A integração cultural**. In: MORIN, Edgar, Cultura de massas no século XX – O espírito do tempo. 1 – Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

NASCIMENTO, Abdias; SEMOG, Élle. **Abdias do Nascimento: o griot e as muralhas**. Riode Janeiro: Pallas, 2006.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da Ancestralidade**: Corpo e Mito na filosofia da Educação Brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007

SANTOS, Adalberto S. **Patrimônio e memória**: da imposição de identidades à potencialização de atos coletivos. In: Antonio Albino Canelas Rubim; Renata Rocha. (Org.). Políticas culturais. 1ed.Salvador: Edufba, 2012, v. , p. 67-88.

SCHWARTZMAN, Simon. A ciência no império: a ciência imperial em perspectiva. In: Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil. Brasília: Ministério de Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

Estratégicos, 2001. (Coleção Brasil,  
Ciência e tecnologia, n. 01)

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves.  
**Aprender a conduzir a própria vida:**  
dimensões do educar-se entre  
afrodescendentes e africanos. In De Preto a  
AfroDescendente, Lúcia M.A. Barbosa et  
al. (orgs). São Carlos - SP: Edufscar.  
UFSCAR, 2003.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida:**  
por um conceito de cultura no Brasil. Rio  
de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

SUMAR, Sivakami Sonia. Yoga para a  
criança especial. São Paulo: Ground, 1994,  
3ed, 165p.

VAZ, Solange. A “**criança problema**” e a  
normatização do cotidiano da educação  
infantil. Quadrimestral, Maringá, n 07, 5p,  
ago/nov. 2007. URL:  
[www.uem.br/~urutagua/007/07vaz.htm](http://www.uem.br/~urutagua/007/07vaz.htm).  
Retirado da internet em 20/05/08

VALENTINOTTI, Carmen. **Cuentos  
curam lo todo:** historias que reconfortan a  
los niños. 1ª edição. Barcelona-España,  
2010. 212p. P149. ISBN: 978-84-9777-  
646-2